

UME José Carlos de Azevedo Jr. COMPONENTE CURRÍCULAR: ARTE

PROFESSOR: Patricia T. Branco PERÍODO: 28/09 a 09/10

ANO:

Profissão Artista: Ingrid Silva



A bailarina **Ingrid Silva** iniciou no balé ainda jovem, em um projeto social no Rio de Janeiro. Após enfrentar muitos desafios, a bailarina partiu para os Estados Unidos e, desde 2008, integra a companhia de Balé do Teatro do Harlem (Dance Theatre of Harlem), na cidade de Nova York, onde é a primeira bailarina, ou seja, responsável pelos papéis de destaque e dança nos trechos das coreografias que exigem mais técnica. Conheça a história da Ingrid através do que ela mesma conta para a Revista Glamour: Qual é a chance de alguém vir de onde eu vim e conseguir ser alguém na vida? O fato de eu ser negra, então, agrava ainda mais a situação. As pessoas acham que nós não merecemos ter uma profissão e passam a vida afirmando o quanto não pertencemos a determinados lugares. Como não?! Quando olho para trás, lembro que todos os sonhos das minhas amigas foram interrompidos e, mesmo com dificuldade, eu segui em frente. Moro há dez anos em NY e **hoje sou a primeira bailarina do Dance Theatre of Harlem (DTH)**, primeira companhia clássica do mundo para negros. É, o balé realmente mudou a minha história. Até os 19 anos morei em uma vila no bairro de Benfica, zona norte do Rio, que ficava atrás de uma comunidade - ou seja, naquela região tudo era considerado a mesma coisa. Apesar de eu sempre ter me envolvido com esportes, foi lá que um dos vizinhos me apresentou ao projeto social Dançando para Não Dançar, idealizado por Thereza Aguilar, que ficava no Pavão-Pavãozinho, outra comunidade carioca. Eu não dei muita importância, mas fiz o teste e passei. Isso aos 8 anos. Mal sabia eu que, mais tarde, aquela simples atividade - que surgiu para que eu não passasse o dia inteiro na rua - me levaria aos Estados Unidos.

E se eu não imaginava que isso poderia me acontecer, minha mãe, muito menos. Ela veio do Espírito Santo, plantava arroz e nunca soube o que era balé, mas largou tudo para me acompanhar nas aulas de dança. Com o tempo,

ser bailarina profissional passou a fazer parte das minhas metas, mas, no Brasil, vai falar para alguém dar oportunidade para uma pretinha... É ridículo, eu sei, mas não dão.

Um dia, lá no projeto da Thereza, recebemos a visita da bailarina principal do DTH, Bethânia Gomes. Ela sugeriu que eu mandasse um vídeo para a escola americana, que estava com uma vaga aberta. E deu certo: das 200 meninas que fizeram o teste, só eu não o fiz pessoalmente, mas fui escolhida mesmo assim. Os meus pais não tinham condições de me mandar para NY, mas, como eu ganhei a bolsa de estudos pelo projeto social, eles batalharam para arcar com os outros custos e eu agarrei essa oportunidade com unhas e dentes. Logo que cheguei por lá, não teve aquela cena de filme, comigo descendo do táxi amarelo na Times Square ao som de "Empire State of Mind", da Alicia Keys. O caminho de trem até a escola foi uma tragédia e não falar inglês só piorou a situação. O desespero estava tão estampado no meu rosto que uma senhora me acompanhou do aeroporto até o Harlem, mesmo sem conseguirmos nos comunicar. Ela me marcou e eu nunca consegui agradecê-la.

Como perrengue pouco é bobagem, o inverno chegou e eu não tinha nenhum casaco apropriado para aquele tipo de frio. Nunca esqueço das doações de roupas que recebi e me ajudaram a aguentar esse começo. Eu nunca era escolhida para participar dos espetáculos e ligava para a minha mãe bem chateada, pedindo pra ir embora. A resposta dela era sempre a mesma: "Minha filha, não tem nada para você no Brasil". Todo mundo acha que quando você mora em Nova York significa que ficou rico ou já conquistou tudo na vida. Mas, até eu ser notada pelo Mr. Michael, diretor da companhia, refinar a minha técnica e ganhar mais visibilidade com o público, fui cuidadora de cachorros, babá e trabalhei em eventos. Só hoje, dez anos depois, é que eu consigo focar totalmente na dança.

Por incrível que pareça, todas as meninas negras alisam o cabelo por aqui. Comigo não foi diferente, mas gastar 100 dólares por mês começou a ficar pesado. Resolvi passar pela transição capilar sem saber que encontraria o poder da minha voz durante o processo. Era possível ser bailarina clássica com black power? Mostrei que sim e virei referência. Tudo isso foi me dando força, eu me olhava e me sentia linda, mesmo as pessoas dizendo que um cabelo afro não fica bem arrumado para a dança clássica. Eu fiz a diferença e me tornei a primeira bailarina negra brasileira a ser capa da Pointe (revista especializada em dança) com meu cabelo natural. Tudo isso porque a minha mãe confiou em mim. E ela nunca me viu dançar, acredita? Hoje é o meu maior sonho.

Roteiro da atividade:

1º passo: Leia o texto sobre a Ingrid, não precisa copiar!

2º passo: Responda as questões a seguir:

1. Você já pensou na possibilidade de ser artista profissional, como a Ingrid? Se sim, que linguagem artística você gostaria de praticar?

2. Quais linguagens artísticas você considera mais acessível para você? Por quê?

3. Aponte duas situações do texto que você vê como dificuldade que a Ingrid passou.

4. Você acredita que as pessoas negras têm mais dificuldades para se tornarem artistas profissionais? Por quê?

5. Qual é o maior sonho da Ingrid hoje em dia?

P.S. Só para você saber: As linguagens artísticas são: Artes Visuais (pintura, desenho, fotografia...), Teatro, Dança e Música.

Boa aula!